

DEMOCRACIA, LIBERALISMO, DITADURA DO PROLETARIADO... QUAL É? (BUSCANDO CHAVES PARA LÁ DOS CHAVÕES)

Ralf Rickli - outubro de 2017

Para o amigo PAULO CARVALHO e para todos os jovens como ele, principais depositários das esperanças que ainda possam restar para o Brasil e para o mundo.

“Existe mesmo uma guerra de classes, mas é a minha classe, a dos ricos, que está fazendo a guerra, e nós estamos ganhando”.

Warren Buffett, bilionário estadunidense, em um momento de autocrítica sobre política fiscal, em 2011.

I

Esses dias um jovem amigo me expressou perplexidade diante de uma declaração de que a Venezuela esteja sendo um exemplo de democracia.

Meu amigo obviamente não é um coxinha (até porque isso seria uma contradição em termos!): negro e periférico cursando Direito, é grato aos governos de esquerda que lhe propiciaram isso, e engajado nas lutas da sua gente. Apenas recebe, como todo mundo, informações de que a vida na Venezuela estaria “um horror”, e ainda não dispõe de dados e conceitos suficientes para equacionar essas duas imagens.

Começo por lhe lembrar que o imperialismo anglossaxo-sionista, cuja ideologia econômica é o neoliberalismo, está em campanha para retomar a Venezuela **como fez com o Brasil**, e isso sempre envolve criar imagens distorcidas espalhando doses maciças de calúnias - e, para além da imagem, envolve também todos os tipos de sabotagem ao funcionamento de todos os aspectos da vida dentro do país atacado.

Não é de estranhar, portanto, se a população da Venezuela estiver enfrentando variadas situações de aguda dificuldade - como a população do Chile enfrentou na primeira vez que a esquerda conquistou um governo pelo voto, com a eleição de Salvador Allende em 1970. As dificuldades de então **não** decorreram das medidas tomadas por Allende, e sim de sua sabotagem pela rede transnacional da direita.

Cuba também sofreu décadas de dificuldades devidas à megassabotagem que foi seu isolamento econômico - sem falar das mais de seiscentas tentativas de assassinato de Fidel Castro por parte da CIA -, mas resistiu e acabou conquistando uma qualidade de vida invejável para seu povo (ver adiante).

Já o nosso Brasil sucumbiu a apenas um ano de sabotagem econômica - mas esse preparado por pelo menos dez de sabotagem midiática e jurídica (*lawfare*): 2014 havia sido o melhor ano da nossa história em termos econômicos; em 2015 a crise ameaçava, Dilma ordenou medidas anticíclicas que já haviam funcionado anteriormente, mas o atual Congresso, constituído maciçamente por **homens de posses**, bloqueou sua implantação e derrubou intencionalmente o Brasil na voragem da crise.

Sob os governos do PT, o Brasil respeitou rigorosamente as formalidades que fazem um Estado ser reconhecido como democrático pela “comunidade internacional”, e o resultado foi o atual retrocesso aos tempos da escravidão e da inquisição. Cuba foi o tempo todo acusada de antidemocrática, mas conseguiu assegurar a todo o seu povo excelente saúde e educação, e ainda a segurança da paz interna - coisa que nenhum nível de repressão é capaz de propiciar, pois (como já ensinava Santo Agostinho), “paz é o fruto da justiça”.

Se ainda vale a definição de democracia como governo **para** o povo (isto é, em benefício deste), será que a democracia está mesmo no respeito às tais “formalidades reconhecidas pela comunidade internacional”?

II

Não dá para entender isso sem saber que as regras que definem “democracia” no mundo de hoje foram produzidas no bojo de um pacto tenso e instável entre democratas e **liberais** - sobre o quê é muito útil a leitura de “Liberalismo e Democracia”, de Norberto Bobbio. Para entender por que é tenso, é preciso entender com precisão o que significa “liberais” nesse contexto - pois muitos podem pensar “*Liberdade não é uma coisa boa? Como é que liberalismo pode ser uma coisa ruim?*”

Acontece que o tal liberalismo se definiu *por contraposição ao absolutismo*, onde só uma pessoa (o rei) tinha a palavra final sobre todo e qualquer assunto no país. Os tais liberais eram **homens de posses** que reivindicavam que o rei tivesse a “liberalidade” de dividir o poder político... não “com o povo”, mas *com eles*, homens de posses. Queriam plena liberdade de também mandar, bem como de disputar livremente a liderança do mando - onde “livremente” significa: não importando por que meios; livres inclusive de quaisquer preocupações de tipo ético ou moral - a não ser as de fachada, para enganarem a massa dos sem-posses. Reivindicavam, enfim, o reconhecimento de que os verbos *possuir* e *poder* tem a mesma raiz, e a liberdade de fazer valer o ditado (devidamente adaptado) “quem *possui* pode, quem não possui se sacode”.

A democracia formal moderna foi construída para dar ao povo a ilusão de estar representado por essas pessoas-de-posses, as quais na verdade entendem o povo como apenas mais uma de suas posses. Paradoxalmente, sob o absolutismo os sem-posses chegavam por vezes a ter mais chances, pois o rei podia usá-los como aliados contra a disputa do poder pelos demais com-posses - mas estes acabaram vencendo e “democratizando” (entre eles) a **liberdade de oprimir**.

E daí?

Daí que esta história pode render um punhado de conceitos úteis como “ferramentas de análise” (critérios), se recordarmos **duas sacadas de um senhor chamado Karl Marx**.

(Esclareço aqui que nunca fui um marxista “de carteirinha”: sempre busquei me relacionar com as ideias marxistas de modo aberto, sem abrir mão de uma postura crítica diante delas como diante de tudo - mas em meio ao terrível retrocesso e degradação que o Brasil e o mundo sofrem neste momento, estou tendo que admitir que o pensamento de Marx é provavelmente a maior referência tanto de *racionalidade* quanto de *vontade ética* de que podemos dispor na atualidade - e digo especialmente aos jovens: o quanto antes acordarem para isso, melhor!)

III

Para facilitar o entendimento das sacadas de Marx (entre outras coisas), costumo dizer que há somente duas formas básicas de organizar o convívio humano e, portanto, a sociedade: uma que eu chamo de **Paradigma da Cooperação** - que consiste de relações “horizontais”, entre pessoas mais ou menos o mesmo nível de poder -, outra que se pode chamar **Paradigma da Dominação**, onde algumas pessoas aumentam o seu nível relativo de poder e/ou reduzem o de outras pessoas, de modo que alguns passam a mandar em muitos, enquanto outros ficam sem mandar nem em si mesmos.

As relações de dominação podem ser dar entre duas pessoas, entre uma pessoa e um grupo, ou entre grupos dos mais diversos tamanhos. Em escala macro vieram a constituir o que se chama “sociedade de classes”, onde uma minoria se beneficia de controlar a maioria e explorar o trabalho desta. (Não, não estou hipersimplificando: não existe sociedade de classes senão com esse fim). Os dois modelos político-econômicos já mencionados (absolutismo e liberalismo) são apenas variantes da sociedade de classes e, portanto, do Paradigma da Dominação.

Muita gente diz, sem nunca ter estudado suficientemente a história e as formas de organização social da humanidade, que “sempre houve dominadores e dominados, e sempre haverá”. Karl Marx e seu colaborador Friedrich Engels estudaram, e mostraram de modo suficiente que isso não é verdade, e que houve, sim, no passado e até recentemente, sociedades pautadas pela cooperação.

Mais importante, Marx apontou um caminho possível para **sair** da sociedade de classes: mostrou que até então as “revoluções” (literalmente: viradas onde o de cima vai parar em baixo e o de baixo vai parar em cima) haviam remexido apenas as camadas mais poderosas da sociedade, sendo no fundo um mero rodízio no poder entre diferentes grupos e estilos de homens-de-posses, sem abrir lugar para aqueles cuja única posse é sua própria força de trabalho: a classe trabalhadora, apesar de esta constituir a vasta **maioria** da sociedade. (No momento não é necessário distinguir as diferentes configurações de classe trabalhadora).

O que Marx nos diz é que os sofrimentos desnecessários da humanidade só cessarão se a maioria trabalhadora tomar o poder - pela primeira vez desde o surgimento da sociedade de classes - porém **não** para mudar mais uma vez o nome e endereço do opressor, e **sim para desmontar a máquina da opressão**. No seu ver, essa seria A Revolução, a única merecedora desse nome por revirar a sociedade até suas bases.

O objetivo final de tal Revolução não é uma sociedade com mais controle do Estado sobre qualquer tipo de cidadão: é uma sociedade sem classes, onde os meios de produção sejam possuídos comunalmente (daí a palavra “comunismo”) e onde o próprio Estado terminará sendo desnecessário.

Mas como chegar lá, se a sociedade atual está inteira estruturada como máquina de opressão - inclusive com setores muito bem armados para isso?

Aí é que entra essa expressão tão temida: a tal Ditadura do Proletariado.

IV

Ditaduras até hoje foram formas de as minorias opressoras imporem suas barbaridades à maioria - então é natural que elas possam pensar apenas em barbaridades quando ouvem essa palavra. Mas pensem bem: **democracia não é, pela definição, um governo que realiza a vontade da maioria? No que isso se distingue de uma “ditadura do proletariado”, se este constitui a vasta maioria da sociedade?**

Aqui alguém pode lembrar que hoje se fala de democracia como execução da vontade da maioria respeitando os direitos das minorias, e isso está certo: não é papel da democracia oprimir ninguém, e sim assegurar que ninguém seja oprimido.

As elites, não podemos negar, constituem uma minoria. Mas será preciso protegê-las? Ora, as elites *não* são uma minoria oprimida, são uma minoria *opressora* (se não o fossem, não seriam elites); não têm falta de direitos, e sim *excesso* - o que já nem se chama “direito” e sim “privilégio” (= lei privada). Pois todo mundo tem direito a não ser oprimido - mas oprimir, isso não é direito de *ninguém*.

Então basta a qualquer opressor desistir de ser opressor e ser apenas gente, que ele não terá nada a temer numa ditadura do proletariado que se atenha a sua função: desmontar a máquina da opressão.

Só que (sejamos sinceros): **oprimir dá prazer. E vicia.** Então rarissimamente algum opressor desiste voluntariamente de oprimir. Por isso a construção de uma sociedade sem opressão é impossível sem combate e repressão às tentativas de dar continuidade à opressão.

A democracia que não combater as conspirações que visam a destruí-la é uma democracia suicida - como estamos tragicamente vendo no Brasil atual. Por isso - e *apenas* por isso - um governo-da-maioria-em-benefício-de-todos que pretenda subsistir terá sim que se fazer forte, autoritário (“ditadura”), mas não para exercer opressão/repressão por motivos variados, e sim *apenas* para impedir as tentativas de restaurar a possibilidade da opressão.

V

A segunda ideia de Marx que cabe mencionar é bem pouco comentada, e pode causar perplexidade: **Marx entendia que a verdadeira Revolução teria que acontecer em todo o mundo de uma vez, ou em sequência relativamente rápida.**

Pela seguinte razão: uma sociedade comunista estabelecida em apenas uma região logo seria destruída pelo ataque das sociedades-de-dominância remanescentes - ou então, *para não ser destruída*, teria que se endurecer, manter-se ela mesma uma sociedade autoritária, adiando para sabe-se lá quando a efetivação do comunismo ideal.

Isso explica muito do que temos visto na história posterior a Marx - e nos deveria fazer entender que tudo o que houve até hoje foram *tentativas* de pôr sociedades a caminho do comunismo, mas ainda não foi plenamente realizado nem mesmo o socialismo (a fase de transição que buscaria construir a possibilidade do comunismo). Ainda não houve A Revolução, apenas tentativas - sem discutir agora se equivocadas ou não.

VI

Deveríamos então desistir de qualquer tentativa de socialismo visando a melhoria da vida da maioria, enquanto não houver condições para tal Revolução mundial?

Diante dos imperativos da vida real seria absurdo pensar e agir desse modo (seria um *idealismo*, no sentido filosófico, o que na filosofia de Marx é um xingamento). Por isso temos que saudar, sim, os diferentes tipos de tentativas que vêm sendo feitas: da Revolução de 1917 na Rússia e da de 1959 em Cuba, à eleição de Salvador Allende no Chile em 1970, à de Chávez em 1999 na Venezuela, aos governos do PT no Brasil de 2003 a 2015 - e até mesmo às tentativas de abrandar o capitalismo com as ideias do economista John Maynard Keynes, a chamada socialdemocracia europeia, que não deixou de aliviar significativamente, enquanto em vigor, as condições de vida das maiorias trabalhadoras, mas também vem sendo sistematicamente bombardeada pela ofensiva mundial do neoliberalismo.

Com isso fica claro que todas essas tentativas - *todas* - viverão sempre entre o risco de serem destruídas e a necessidade de se endurecerem para resistir - com o risco adicional, por este lado, de virarem na real apenas mais uma ditadura opressora com o rótulo “socialismo” ou “comunismo” colado em cima indevidamente.

Onde terminaria a resistência legítima de uma democracia (em forma de uma ditadura do proletariado que se atenha à sua função de extinguir a possibilidade da opressão) e onde começa uma ditadura que cedeu à tentação de oprimir ela mesma, em lugar de apenas reprimir as tentativas de volta da opressão?

Provavelmente é impossível dar uma resposta genérica a isso, desvinculada de contextos específicos.

Pensemos na Rússia de Stálin: é inegável que não foram poucas as suas barbaridades, relatadas e rejeitadas por muita gente boa, de coração efetivamente à esquerda, longe de serem propagandistas dos EUA - mas ao mesmo tempo temos no mínimo que admitir que sem o autoritarismo de Stálin provavelmente Hitler teria dominado o planeta. Por outro lado, os anos 90 trouxeram Gorbatchov, um líder russo aclamado mundialmente por ser “civilizado” e democrático... e o foi *tanto* que acabou propiciando a reversão do “mundo soviético” ao capitalismo liberal, e, com isso, a expansão da ofensiva neoliberal até a escala global -

... essa mesma ofensiva neoliberal que vemos atuando hoje no Brasil na desmontagem de todos os nossos direitos tão duramente conquistados - ao mesmo tempo em que grande parte das populações do antigo “mundo soviético” lamenta a perda do bem estar social de que desfrutou em décadas passadas (especialmente a educação e a garantia de emprego), apesar de que nem tudo lá fossem flores.

VII

Com a queda do mundo soviético e a entronização do modelo neoliberal através do chamado Consenso de Washington, o século XX terminou com o liberalismo cantando vitória em todo o mundo, com muita gente morrendo de fome num Brasil cuja cultura própria era ridicularizada diariamente nos jornais - e com **um** movimento para a esquerda, na contramão da correnteza geral: a eleição de Chávez na Venezuela em 1999.

Foi o primeiro passo de um movimento de **retomada da esperança social** na primeira década do século XXI, sinalizado também pelo surgimento do movimento altermunistas (palavra derivada do lema “Um outro mundo é possível”) com a primeira edição do Fórum Social Mundial em Porto Alegre (2001), e com a ascensão em 2003 de Lula à presidência do Brasil e de Néstor Kirchner à da Argentina.

Ao longo dessa década, a América Latina permaneceu o principal campo de expansão e amadurecimento dessa esperança - envolvendo ainda a Bolívia, Chile, Paraguai, Equador e Honduras (sem mencionar Cuba por ela estar lá, invicta, desde 1959 - honrosa sobrevivente de uma fase mais antiga de avanço do socialismo).

Além disso, mais para o fim da década houve uma expansão da esperança para o nível global através do grupo BRICS - países comprometidos, se não com o socialismo, pelo menos com o projeto anti-imperialista de um mundo multipolar e menos desigual.

Mas não se pense que imperialismo liberal aceitou essas contestações passivamente: Chávez foi caluniado desde o primeiro momento; no Brasil, desde 2005 o PT foi atacado com várias farsas jurídicas com fachada legal (o chamado *lawfare*) cujas provas de falsidade são oficiais e públicas e no entanto permanecem ignoradas; o governo de esquerda de Honduras foi deposto em 2009 ao tentar o mais democrático dos atos possíveis: a convocação de uma Assembleia Constituinte. Outros “golpes brancos” (sem uso de armas) foram aplicados no Paraguai (2012) e no Brasil (2016).

Além disso, a pressão do liberalismo se utilizou também das eleições regulares: no Chile a direita ganhou as eleições em 2010 (felizmente perdendo em 2014), e na Argentina em 2015, tendo aí por consequência uma devastação social comparável à em curso no Brasil.

VIII

Aqui alguém pode alegar que não há nada de antidemocrático se a direita toma o poder através de eleições, pois estas exprimiriam a escolha do povo - mas não é tão sim-

ples assim: **caso bem informado sobre as opções**, com absoluta transparência e equilíbrio, **nenhum povo seria louco de escolher miséria, servidão e repressão**. Isso só é possível mediante a manipulação mentirosa da informação e das emoções, sobretudo através da mídia (mas também de outros canais de que é melhor falar em outro momento).

Definitivamente (respondendo à pergunta lançada no final do ponto I), **não é pelo respeito às “formalidades reconhecidas pela comunidade internacional” que um governo é democrático, e sim por beneficiar com equidade a totalidade da população que representa**. Só são democráticas as escolhas entre diferentes modos de realizar tais benefícios. **Sendo um modo de prejudicar a maioria em benefício de poucos, o liberalismo é antidemocrático por definição, e não poderia estar incluído no leque de opções oferecidas à escolha democrática de um povo**.

Também não podem ser admitidas, numa sociedade democrática, instituições que visem a manipular o entendimento do povo para que faça escolhas contrárias ao seu próprio interesse - o que tem sido a função principal da mídia chamada “corporativa” (empresarial) - que alguns socialistas de língua inglesa chamam de ‘presstitute’, ou ‘imprenstituta’.

Em resumo: a própria democracia **precisa** ser autoritária quando isso for necessário à defesa de si mesma - o que equivale a dizer: em defesa do efetivo bem do povo.

Como costumo dizer nos textos em que proponho uma Filosofia do Convívio: **não se pode tolerar a intolerância; é preciso excluir a excludência, reprimir as tentativas de opressão, impor a não imposição**. Pois a imposição de qualquer outra coisa aos outros é uma negação da universalidade da dignidade humana - mas a imposição da não imposição é a **negação de uma negação**, e portanto um ato de *afirmação* dessa dignidade, e de sua promoção.

IX

Sugiro, por isso, muito cuidado com as críticas à Venezuela, cujo povo, apesar de todas as dificuldades que vem enfrentando, tem votado maciçamente pela continuidade da linha de governo iniciada por Chávez, em eleições atestadas como limpas até mesmo pelos observadores internacionais que costumam se ater às formalidades e não ao conteúdo.

Mesmo porque o Brasil não estaria hoje na triste situação em que se encontra caso nossa presidenta tivesse usado toda a extensão da autoridade de que podia dispor - inclusive a de mobilizar as Forças Armadas. Ainda que isso tivesse parecido, momentaneamente, um atentado à democracia, teria sido, pelo contrário, a sua salvação.

Nem todos percebem que o que estava em jogo não era apenas o destino do povo brasileiro e sim, através da rede de governos sociais da América Latina e principalmente do grupo BRICS, a possibilidade, por primeira vez, de uma democracia econômica e posteriormente política entre todos os povos. E hoje, devido a um excessivo respeito ao sentido pequeno da palavra “democracia”, o imperialismo mundial parece muito mais próximo de uma vitória total - o que pode significar décadas ou mesmo séculos de sofrimento para a quase totalidade da humanidade.

A esta altura, as chances reais de evitar essa tragédia parecem muito pequenas - mas não digo a ninguém para desistir da esperança nem da resistência - resistência no mínimo interior, e, sempre que possível, até no mínimo gesto concreto em que se puder resistir.

Pois se não pudermos outra coisa ao longo de tal inverno, pelo menos estaremos preservando as sementes do Bem para quando o movimento das circunstâncias propiciar a oportunidade de uma nova brotação!